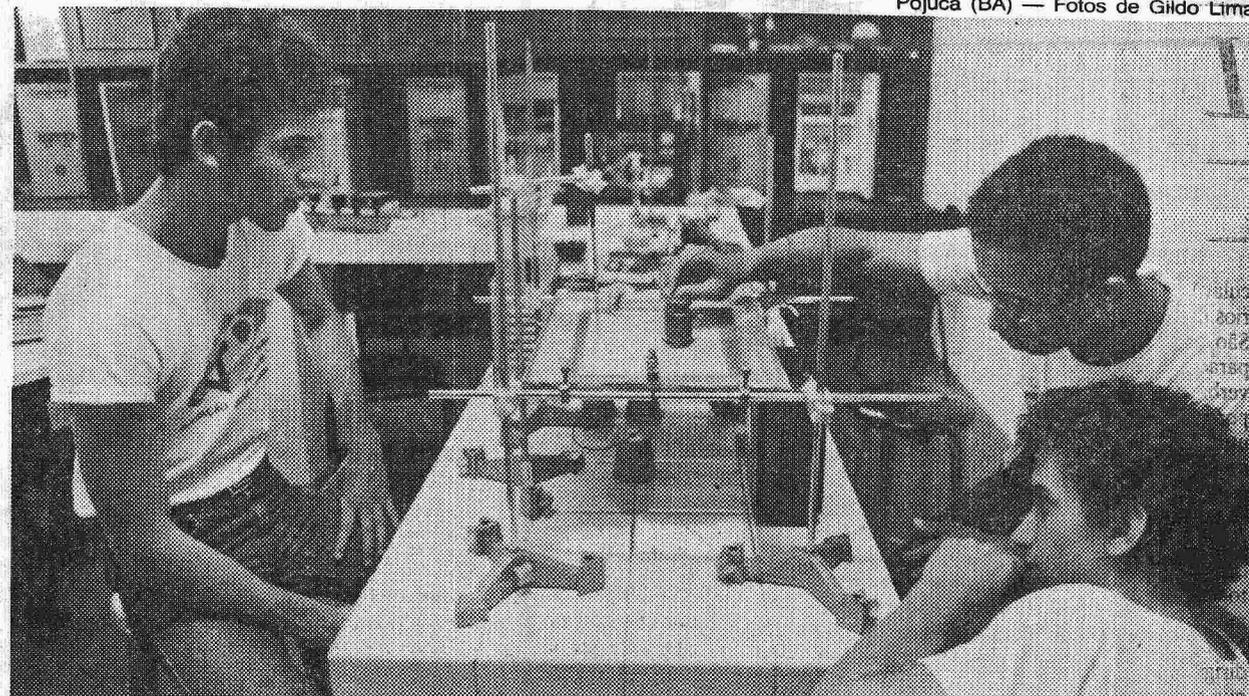


Carvalho realiza seu sonho: resgatar parte do talento desperdiçado pela miséria



A maioria dos alunos segue carreira em boas universidades aqui e na Alemanha

Empresário banca formação de minigênios do Nordeste

Luciana Villas-Bôas

Ao terminar, há três anos, a última série do primeiro grau, José Araújo, um menino safo de Quijingue, pequena cidade do interior da Bahia, sabia que era mais inteligente do que seus colegas, mas não via como ultrapassar os limites estreitos de sua terra natal. Filho de um mestre de obras e uma costureira, ele jamais fora incentivado a ler, jamais frequentara teatros ou vira filmes que não fossem de lutas marciais e pornografia — só o que chegava a Quijingue. Aos 18 anos, José hoje já superou essas carências, pilota sofisticados computadores com mais destreza do que dirige uma carroça e fala inglês fluentemente.

José Araújo teve a sorte de ser descoberto por uma assistente social contratada pela Fundação José Carvalho, criada pelo empresário José Corgosinho Carvalho Filho, presidente da mineradora Ferro Liga da Bahia S.A. (Ferbasa), que mantém em Pojuca, Bahia, o Centro Educacional Belamira — uma milionária escola técnica de 2º grau, para 80 adolescentes carentes e bem dotados, detectados nos grupos escolares, nas ruas e feiras de todo o Nordeste. Com um orçamento anual de Cz\$ 15 milhões — o que representa um custo mensal de Cz\$ 1 mil 200 por aluno —, melhor equipada do que muita universidade, Belamira desenvolve eficientes quadros para a indústria a partir de jovens cujo destino natural seria o embrutecimento pela miséria brasileira.

Delírio

O Centro Educacional Belamira é fruto do delírio de um poderosíssimo capitalista, ele mesmo um superdotado — apesar de rejeitar categoricamente

este rótulo. Nascido numa família de roceiros em Pitangui, Minas Gerais, José Carvalho Filho recebeu uma primorosa formação cultural graças um programa levado a cabo nos anos 40 por padres jesuítas, que buscavam vocações sacerdotais no interior do país.

— Tive a sorte de estudar de graça no Colégio Santo Inácio, no Rio, e, depois de uma sucessão de bolsas de estudo, formar-me engenheiro e empresário — conta Carvalho, 55 anos, cuja Ferbasa, fundada em 1961, fatura 70 milhões de dólares por ano (Cz\$ 1 bilhão 500 milhões), com uma produção de ferro cromo consumida em 60% pelo mercado externo. “Não me tornei padre, mas nunca abandonei o sonho de retribuir o que recebi com um projeto educacional que resgatasse para o Brasil o talento de jovens que, inibidos em seu potencial, poderiam se tornar, no máximo, bandidos muito competentes.”

Para garantir a realização de seu sonho — que, naturalmente, encontrava obstáculos na família e nos amigos — José Carvalho tomou, em 1975, uma decisão inédita: doou 51% de suas ações da Ferbasa à Fundação, que se tornou, assim, proprietária de um imenso conglomerado econômico.

— Foi a única forma que encontrei para assegurar, assim mesmo de minha morte, a continuidade da obra num país que se caracteriza pelo imenso número de grandes obras abandonadas a meio caminho — explica o empresário.

Paisagem suíça

Com esse capital, ficou fácil para a Fundação José Carvalho construir uma paisagem suíça em pleno Recôncavo baiano. Numa área de dez hectares, em torno de um cristalino lago artificial, os

30 chalés para a moradia dos estudantes são decorados com reprodução de quadros impressionistas. As instalações para esportes são perfeitas: para futebol de campo e salão, basquete, corridas, natação, atletismo e equitação. Há um belo templo ecumênico, e reproduções de estátuas gregas estão espalhadas por todo o campus da escola.

Na chegada aqui, o que mais estranhei foi o número de quadros e estátuas em cada canto da Fundação — conta Marcia Regina Dantas, que se forma esta semana técnica em tradução e interpretação e segue, em junho, para um curso de especialização na Alemanha, patrocinado pela Fundação Klochner, que tem convênio com a FJC. “Hoje, entendo bem a preocupação do Dr. Carvalho de nos acostumar ao belo, já que não há nada parecido com isso em nossas cidades de origem”, diz Marcia, 22 anos, nascida em Alagoinhas, a 45 quilômetros de Pojuca.

Além de suprir os bem-dotados nordestinos com o chamado “currículo oculto” (a formação cultural que é o trunfo do jovem de classe média das grandes cidades), a Fundação José Carvalho garante o desenvolvimento de seus alunos com um avançado método de ensino individualizado. Não há salas de aula na escola de Belamira, um complexo de três andares numa área de 1 mil metros quadrados. A partir de módulos preparados pelos próprios professores da FJC (cujo menor salário é de Cz\$ 18 mil por mês), os jovens estudam nos horários que melhor lhes convêm, marcam entrevistas com os mestres sempre que têm necessidade de orientação, se avaliam em computadores e determinam a data dos exames mensais quando se sentem bem preparados.

— Nos três primeiros anos de Belamira, de 1977 até 1980, tentamos dar a

esses jovens bem-dotados uma educação tradicional, em grandes turmas, com aulas expositivas, mas não funcionou — lembra Tânia Pires Torres, diretora do Centro Educacional, que, além de fornecer o diploma de segundo grau, oferece cursos para técnicos de processamento de dados, mineração e tradução- interpretação. “Logo percebemos que, para jovens tão brilhantes, o importante é aprender a aprender, e isso é muito mais fácil através do ensino individualizado.”

De fato, nos ricos laboratórios de biologia, física e química de Belamira, reina absoluta euforia intelectual entre os estudantes que realizam os mais diferentes experimentos (no laboratório de biologia, um sofisticadíssimo microscópio, motivo de inveja para a Universidade Federal da Bahia, que não tem nada semelhante, é arduamente disputado pelos alunos). Para o aprendizado de inglês, os adolescentes dispõem de 30 projetores de videocassete, com mais de 100 programas audiovisuais, antes de se reunirem para aulas de conversação. Os jovens se reúnem também para as aulas de canto coral, teatro e cinema (têm à disposição dezenas de máquinas super-8 e filmadoras de videocassete).

Seleção

Encontrar o método justo de ensino para adolescentes bem-dotados não foi a única dificuldade enfrentada por Belamira nos seus primeiros anos. Abrangendo, inicialmente, apenas a população carente da Bahia, a Fundação José Carvalho convocava candidatas espalhando cartazes pelas escolas do estado. Apresentavam-se em média 2 mil candidatas para disputar 24 vagas por ano. Logo ficou claro que o grande desafio do projeto era pinçar os mais capazes e mais necessita-

dos jovens, para integrar tão seletivo e privilegiado grupo acadêmico.

— Nessa época, entraram para a escola estudantes que não eram tão carentes como queriam fazer crer — conta o empresário José Carvalho Filho. “Ao esmo tempo, ficou claro que, para o nível de excelência que queríamos desenvolver, a Bahia era pequena. Passamos então a buscar a nata intelectual entre os 32 milhões de habitantes do Nordeste, que é o grande bolsão da miséria brasileira”.

Desde 1983, a Fundação envia para pequenas cidades do sertão uma assistente social que se informa sobre os jovens mais destacados de cada comunidade. Depois de breve convivência com os pais do candidato, para certificar-se de que a renda familiar não ultrapassa um salário mínimo por pessoa, a assistente social acompanha o adolescente até a Fundação, onde, durante um mês, ele se submete a testes de Q.I. e de criatividade, além de ser observado no seu comportamento com o grupo.

— Mais importante que o teste de Q.I., que, na verdade, não é elaborado para jovens dessa origem social, é o jovem demonstrar *drive*, ou seja, um alto coeficiente de *viração* mental — explica Carvalho Filho. “Por esse método, além de chegar à Fundação gente do Piauí, do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba, cresceu muito o número de alunos. Dos 75 candidatos que fizemos o teste em fevereiro, foram selecionados 36, sendo 25 meninas”.

Tabu

Para manter a disciplina em Belamira, há um “prefeito do campus”, Mauro Tibúrcio, ex-aluno da escola. Mais importante que sua atuação, porém, é a comissão de ética dos alunos, que elabora normas de comportamento abrangendo

desde a preservação da escola até os horários de ouvir música e assistir televisão. Os estudantes namoram à vontade, mas um tabu vigora em Belamira: todos concordam que os casais não devem manter relações sexuais.

— Ao chegarmos, o Dr. Carvalho nos conscientiza de que, se uma menina aparecer grávida, todo o projeto de Belamira pode ir por água abaixo, já que muito lavrador do nordeste não permitirá mais que suas filhas estudem aqui — argumenta Telma Santos, filha de “um bóia-fria” do interior da Bahia. “Devemos isso a ele, que é nosso responsável legal, e não creio que seja uma questão de puro moralismo”.

De fato, não parece haver qualquer outro tipo de doutrinação na Fundação José Carvalho. O empresário se define como “um homem que acredita na livre iniciativa” e se vê no direito de passar suas idéias aos alunos, mas acha indispensável aos estudantes um estudo aprofundado da obra de Marx. No quarto de Telma, faz *pendant* com uma reprodução de Bonnard um *poster* de Che Guevara, com a indefectível frase: “Hay que ser duro, pero sin perder la ternura jamás.” Do lado de fora de um outro chalé, um *poster* de Marx diz que “a mudança econômica é o motor da história”.

— Essa formação crítica e integral é só o que pode garantir a nossos alunos a capacidade de voltar à casa e não entrar em choque cultural com a família — afirma José Carvalho. “Não se tratam de superdotados, um conceito já ultrapassado, mas jovens extraordinariamente inteligentes, capazes de conversar de igual para igual com um professor ou jornalista e de ajustar a linguagem para não perder o contato com suas comunidades de origem.”